

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design– **FAAC**
Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

As TICs no projeto migratório: aproximações teóricas¹

Gustavo Fernandes Americo Dainezi
ESPM-SP – Doutorando em Comunicação e
Práticas do consumo com bolsa CAPES

Resumo: Neste artigo realizamos uma revisão teórica para aproximar e localizar as influências das TICs nos projetos migratórios e apontar algumas das principais questões atinentes às interações entre sociedade em rede e atividade migratória. Partimos da análise das transformações de diversos conceitos clássicos dos estudos migratórios, tais como diáspora, transnacionalismo e redes migratórias, para depois abordarmos a dicotomia entre acesso e exclusão trazida pelas plataformas e meios de acesso às redes, para, finalmente, refletirmos sobre como as redes migratórias têm se reconfigurado ao interagirem com as redes digitais. Por fim, discutimos as TICs como mediadoras da experiência migratória. Encerrando, ressaltamos a multiplicidade de experiências e das possibilidades de apropriação das redes e apresentamos um quadro guia para análise a partir das finalidades dos usos das redes sob um recorte temporal da trajetória migrante.

Palavras-chave: Comunicação e consumo; migrações; redes; mediações.

¹ Trabalho apresentado no **GT1 MEIOS E PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA - CBCC** da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

As TICs na sociedade em rede e no projeto migratório: Transnacionalismo, mediações e ressignificações

Desde a popularização da Internet, é vastamente documentado na literatura² o processo de digitalização das comunicações, a globalização econômica e diversas transformações sociais e culturais decorrentes do acelerado desenvolvimento de novas tecnologias, cada vez mais conectadas, mais *smart*, mais onipresentes no cotidiano social. Conforme pontua Cogo (2013, p. 45):

Embora seja uma prática humana muito antiga, a formação das redes se redimensiona, na atualidade, a partir de três processos que, segundo Castells, estão relacionados às exigências do setor econômico por flexibilização administrativa e organização do capital; à supremacia de valores sociais relacionados à liberdade individual e à comunicação aberta assim como aos avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica.

Da sociedade em Rede, termo cunhado por esse autor³, caminhamos em uma década para a cultura da conectividade (VAN DIJK, 2016) e para o capitalismo de plataforma (SRNICECK, 2017), reconfigurando as tecnicidades e as formas estrategicamente⁴ propostas de interação social. Do outro lado dessa história, usuários são interpelados, num processo de “transformação, pela qual todos os atores são constantemente expostos a novas alternativas e desafios que, por sua vez, os redefinem à medida que os passam.” (VAN DIJK, 2016, p.161, tradução nossa⁵)

De maneira correlata, irrompe na literatura um campo de estudos voltado às interações (BRIGNOL et al, 2019, p. 195) e, logo, às apropriações, e processos de socialização que dão suporte e ajudam a entender os usos criativos operados pelo campo da recepção sobre este aparato tecnológico e comunicacional e suas relações com processos de empoderamento e desenvolvimento comunitário, nos moldes que descreve Peña Ascacibar (2017, p. 52). Ainda segundo o autor, o aparato tecnológico “passa a ser um objeto relacional e uma ressignificação das práticas cotidianas dos sujeitos envolvidos (Rueda, 2009), gerando, no processo de apropriação e recodificação das tecnolo-

² CF. Obras de Manuel Castells, Derrick de Kerckhove, Elisenda Ardevol, Guillermo Orozco-Gomez, Nestor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Pierre Levy, Rocío Rueda Ortiz, Howard H. Rheingold, Muniz Sodré, Jose Van Dick, Nick Srnicek, Shoshana Zuboff, entre outros.

³ Segundo o autor, a vida social são estruturas comunicativas (estabelecidas em torno de um conjunto de objetivos), que processam fluxos como fluxos de informação entre nós que circulam pelos canais que os conectam. (BRIGNOL et al, 2019, p. 196, tradução nossa)

⁴ Segundo entende De Certeau (2000), a estratégia é a característica de quem controla a oferta material, no caso específico de quem direciona a maneira padrão das formas de comunicação.

⁵ “de transformación, por el cual todos los actores se ven constantemente expuestos a nuevas alternativas y desafíos que a su vez los redefinen conforme los atraviesan.”

gias, usos diversos e outros novos não propostos inicialmente. (PEÑA ASCACÍBAR, 2017, p.55, tradução nossa⁶). Nesse campo de estudos, destacam-se

Finquelievich (2000), Rocío Rueda (2008), Lago Martínez (2006, 2008, 2012), Cogo e Brignol (2011), Cogo, Brignol e Fragoso (2015) e muitos outros enfocam as formas de manter e estabelecer vínculos por meio de tecnologias e suas peculiaridades em sujeitos coletivos e movimentos sociais. (BRIGNOL et al, 2019, p. 195, tradução nossa⁷)

Considerado esse cenário, não é surpresa que a figura do migrante conectado seja inescapável nos estudos de migração: “O que percebemos é que as TICs, sobretudo a partir de diferentes apropriações da internet, assumem um papel importante no cotidiano dos migrantes.” (BRIGNOL, 2013, p. 125). Também não surpreende que grande parte do conhecimento construído a respeito dessa interação revele fenômenos de apropriação e de usos criativos desse aparato, como veremos brevemente adiante.

A partir desses entendimentos, reconhecemos que a presença cada vez mais ubíqua das TICs no percurso migratório traz consigo a necessidade acadêmica de rediscussão de uma série de conceitos e abordagens investigativas que sejam capazes de lidar com essa nova realidade, afinal, hoje já é corrente a defesa de que “não é possível entender o mundo sem a comunicação mediada por tecnologias” (ELHAJJI; ESCUDERO, 2020, p. 16).

Assim, reinserem-se, por exemplo, no debate as definições de conceitos centrais do campo, tais como o conceito de diáspora, reinventado como *webdiáspora* e variações (*idem*, p. 22). Outra das mais importantes transformações é a ampliação da dimensão transnacional⁸ da atividade migratória, “tornando possível a experiência de estar aqui e lá ao mesmo tempo, senão fisicamente, ao menos através da mediação tecnológica.” (BRIGNOL, 2013, p. 125).

Na mesma linha, ElHajji e Escudero (2020, p.11) defendem que “A questão migratória não pode mais ser apreendida somente em termos de ausência e de rupturas”, somando-se a Diminescu (2019), mas não só, na redefinição daquela experiência migratória proposta por Sayad (1981) a qual operava em uma dupla ausência: ausência da saída, ou seja, da distância dos elementos afetivos, culturais e sociais do país de origem, bem como a ausência da chegada, faltas em elementos estruturantes da vida e das relações sociais, tais como amizades, relações profissionais e familiares, o lar, a

⁶ la herramienta tecnológica se transforma en un objeto relacional y de resignificación de las prácticas diarias de los sujetos involucrados (Rueda, 2009), generando, en el proceso de apropiación y recodificación de las tecnologías, tanto usos diversos como otros nuevos no planteados inicialmente.

⁷ Finquelievich (2000), Rocío Rueda (2008), Lago Martínez (2006, 2008, 2012), Cogo e Brignol (2011), Cogo, Brignol e Fragoso (2015) y muchos otros centran la mirada en las formas de mantener y establecer vínculos sociales a través de las tecnologías y sus peculiaridades en sujetos colectivos y movimientos sociales.

⁸ A dimensão transnacional das migrações, de acordo com Basch e Blanc-Szanton (1992) consiste no envolvimento da população imigrante em redes, atividades e parcerias que conectam países de origem e destino em um mesmo campo social

cultura etc.. A existência das TICs e a configuração da sociedade em rede colocam em xeque esses conceitos, e outros tantos mais, com sua virtualização e a possibilidade de multi-presenças e co-presenças, sincronizando processos e reduzindo distâncias.

Para além desta questão, a presença das TICs abre um leque de complexidades e interações em elementos centrais da experiência migratória, oferecendo importantes melhorias e apresentando novas dificuldades. Diminescu (2019), por exemplo, define-as como uma espécie de *pharmakon*: simultaneamente remédio e veneno. Suas potencialidades positivas são louvadas por Grandi (2017) quando diz que “em um mundo de total conectividade e dados ilimitados, seremos capazes de conectar refugiados aos recursos dos quais precisam”⁹ (GRANDI, 2017, p. 3, tradução nossa). Em oposição ao otimismo, as TICs neste contexto podem ser - e já são – deladoras eficazes para autoridades que criminalizam a migração e o refúgio.

TICs e migração, a questão do acesso e da exclusão

Um outro aspecto desta complexidade revolve em torno da questão do acesso - ou sua falta. Aqui, apresentaremos dois níveis diferentes de acesso: o físico e o simbólico. O acesso físico depende da possibilidade de operação direta. Se as TICs merecem o atributo de *essencial* e sua existência é imposta cada vez mais enquanto *necessidade*, o não-acesso contribui para um contexto de “guetização”. Leung (2019) aponta que 70% da população mundial é digitalmente excluída, realidade da qual o processo migratório - cada vez mais digitalizado em suas demandas – não escapa. Um exemplo de exclusão foi registrado por Alencar (2019) em Pacaraima, revelando estratificações dentro da diáspora venezuelana no Brasil a partir do acesso aos dispositivos e à conexão de internet.

Já o acesso simbólico depende das condições de aprendizado desenvolvidas pela pessoa que utiliza a tecnologia e é comumente representado pelo conceito de literacia. São vários os fatores subjetivos e sociais interagindo com o acesso simbólico. O exercício de listá-los foi feito por Leurs e Smets:

abordando a migração forçada como um fenômeno social, político e cultural complexo, buscamos considerar diferentes aspectos da conectividade digital, como o uso de mídias sociais por migrantes, ativistas e trolls, questões de afetividade, representação, materialidade, mobilidade, solidariedade, política economia e indústria da comunicação, bem como questões relacionadas a gênero, raça, sexualidade, nação, classe, geografia e religião; identidade; diáspora; alfabetização midiática; política; legislação e direitos humanos (2018, p.2, tradução nossa¹⁰)

⁹ “In a world of total connectivity and unlimited data, we will be able to link refugees to the resources they need”

¹⁰ Approaching forced migration as a complex societal, political and cultural phenomenon, we seek to consider different aspects of digital connectivity, such as the use of social media by migrants, activists and trolls, issues of affectivity, representation, materiality, mobility, solidarity, political economy and the communication industry, as well questions related to gender, race, sexuality, nation, class, geography and religion; identity; diaspora; media literacy; policy; legislation and human rights

Com tantos elementos mediados pelas TICs, parece inescapável a dinâmica de exclusão digital. Cogo et al. (2014), no entanto, refletem que este tipo de argumento é forte na literatura e advertem que tomemos cautela para não ignorarmos a agência individual das pessoas migrantes, que podem optar por não fazerem parte do universo digital. Ademais, as redes migratórias precedem lógica e cronologicamente a mediação das TICs e podem, ainda, oferecer suporte similar àquela das novas tecnologias.

As dificuldades de literacia não são, no entanto, intransponíveis e podem variar ao longo de uma trajetória migratória, por fatores pessoais ou contextuais. Ou seja, esses fatores estão sujeitos a processos que envolvem interações a partir da temporalidade e tecnicidade, como entendidos por Barbero (2015).

Na Venezuela, por exemplo, país responsável por um dos mais urgentes e atuais fluxos migratórios para o Brasil, denuncia um professor anônimo, a comunicação é altamente precária, controlada e censurada: “o governo que controla o fornecimento de papel, nega a quem não se submete à sua censura. Não existem canais de televisão autônomos[...] a Internet, quando chega, é lenta e censurada” (BAENINGER; SILVA, 2018, p. 22, tradução nossa¹¹).

Como reconhece Wall (2019, p. 88), as condições adversas são propícias para a criação de novas redes de colaboração e novas, criativas e emancipatórias apropriações tecnológicas. A falta de acesso, ou, se pensarmos em contextos de convívio, as desigualdades nas capacidades de aproveitamento do acesso podem, finalmente, atuar como elementos catalisadores da solidariedade, como no caso dos criativos compartilhamentos de tecnologia¹².

Um caso emblemático deste tipo de adaptação foi relatado por Alencar (2019, p. 509): um venezuelano que usava seu tempo livre para andar pelas ruas de Boa Vista e informar seus conterrâneos dos seus direitos de refugiados e oferecer-lhes informações sobre acesso aos serviços públicos. Mas também são exemplos os grupos de WhatsApp, as webdiásporas analisadas por ElHajji e Escudero (2020), grupos de Facebook, compartilhamento de *smartphones*, de *chips*, as rádios comunitárias, podcasts etc.

¹¹ El gobierno que controla el suministro del papel, lo niega a quienes no se someten a su censura. No hay canales de televisión autónomos [...] Internet, cuando llega, lento y censurado

¹² Alencar (2019) registra os usos compartilhados de aparelhos móveis em Pacaraima e Boa Vista por parte de refugiados venezuelanos no Brasil.

A interação entre de Redes migratórias, sociais e de comunicação nas trajetórias migratórias

Faz-se necessária uma desambiguação entre as diversas nuances do conceito de redes que evocamos neste artigo. Quando falamos em redes, aqui, não estamos nos referindo a estruturas materiais ou tecnológicas, mas sim a configurações relacionais. A ideia de rede social, por exemplo, antecede em mais de meio século o advento da Web 2.0. Segundo Brignol et al. (2019, p. 190), emerge nas décadas de 1930 e 1940.

Recuero (2009) diferencia rede social de *sites* de redes sociais, apontando para o contraste entre um termo que evidencia as conexões, relações simbólicas, historicidade e apropriação tecnológica e um termo que se limita a descrever sobre que suporte tecnológico elas ocorrem:

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes (RECUERO, 2009, p. 103)

Mais recentemente, a autora caracteriza o ambiente de comunicação digital a partir de critérios mais robustecidos, adotando o conceito de mídia social, que se refere a todas as formas de interação com um espaço digital, formado não somente por *sites*, mas sobretudo por *plataformas*, compostas, por sua vez, por aplicativos, APIs, governança algorítmica (RECUERO, 2020) e acessados a partir das TICs, com importante destaque aos *smartphones*. Nesse espaço simbólico e material são realizadas as apropriações que constituem a formação de redes, especificamente.

Estamos falando de suportes comunicacionais e formas de estabelecimento dessas conexões humanas que são também comunicacionais. Na sociedade de rede (CASTELLS, 2005), confundem-se muito estes dois fenômenos pela alta inter-relação entre das conexões sociais, sua correspondente comunicacional e o aparato comunicacional/tecnológico por onde correm os fluxos informativos e simbólicos.

Mas é importante ressaltar que, quando falamos em rede social, referimo-nos às conexões simbólicas entre pessoas e quando falamos de redes comunicacionais e seus usos estamos dirigindo nosso olhar às formas dos aparatos tecnológicos e comunicacionais, aos fluxos de mensagens e informações e suas características simbólicas e às apropriações feitas sobre eles pelas pessoas que constituem as redes sociais.

Ainda, realizamos uma terceira convocação do conceito de redes: as redes migratórias, um tipo específico de rede social. Estas, como as outras redes sociais, não surgem a partir das comunicacionais, mas ambas também se confundem cada vez mais na sociedade em rede. Cogo (2017, p.

679) pontua: “O próprio exercício de um transnacionalismo migrante está estreitamente vinculado à mediação das TICs”.

Cogo (2013, p. 45) ressalta ainda a incidência das redes em todos os planos dos projetos migratórios:

Na constituição das redes migratórias, a crescente presença das tecnologias da comunicação, como a Internet e o telefone celular, vem operando, de modo acentuado, para um reordenamento territorial das experiências dos migrantes em âmbito global e, conseqüentemente, nos modos de configuração do transnacionalismo na esfera das migrações. A presença das redes de migrantes pode ser observada, dentre outros na decisão de migrar, nas dinâmicas de instalação no país de migração ou na manutenção e recriação de vínculos com os lugares de nascimento ou, ainda, nos processos de mobilização por direitos e cidadania no desenrolar dos percursos migratórios.

Truzzi (2008) realiza uma discussão conceitual para delimitar o uso do termo “redes migratórias” em oposição a “cadeias migratórias”. As redes são formações sociais menos estruturadas, mas com distintos potenciais. Entre elas, “fornecem contextos sociais de referência para o indivíduo que deseja emigrar, tornando-se assim um instrumento valioso para estudar a ação social, já que elas são capazes de condicionar comportamentos.” (Truzzi, 2008, p. 208). Redes operam em nódulos, cadeias operam em sequências. Cada nódulo de uma rede pode ter um número diferente de conexões, inclusive nenhuma, enquanto numa cadeia, um elo quebrado pode representar seu fim.

Do ponto de vista do início de um projeto, essas formações sociais têm a característica única de possibilitar “o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou refreando projetos, expectativas e investimentos futuros.” (TRUZZI, 2008, p.203).

Essa influência é exercida nas redes pela circulação de *informação*. (TRUZZI, 2008; BRIGNOL, 2013). A rede é entendida também como uma estrutura de relações e o envolvimento de cada um de seus nódulos depende de uma relação particular da pessoa que o representa. Ou seja, cabe ao sujeito estabelecer as suas formas de interação com a rede e a profundidade dessas relações (TRUZZI, 2008; BRIGNOL, 2013).

A influência das redes na existência de um cidadão conectado contemporâneo antecede e sobrepõe uma decisão de deslocamento, por ser um fenômeno social amplo. Quando os imigrantes se inserem nelas como tais, estão presentes, portanto, desde a tomada de decisão do deslocamento até a consolidação da vida e da identidade no país de acolhida, como veremos a seguir a partir dos conceitos de “lugar” e “espaço”, mas o fazem sempre a partir da sua trajetória específica, atuando como nódulo e controlando a dimensão e profundidade de suas interações.

TICs e os processos de mediação de “espaço” e “lugar”

O conceito de Lugar ou de Espaço tem importância marcante nos estudos que envolvem seres humanos, redes, relações, historicidade, culturalidade, geografia e trajetórias. Estes conceitos têm uma dimensão que vai muito além da representação física ou legal de uma parte ou do todo de um território. O entendimento deste conceito na sua dimensão histórica, social, cultural e simbólica enriquece a pesquisa que pretenda abordar um tema que tem relação com alguma forma de espacialidade.

Consideraremos os entendimentos de “espaço” de Haesbert (2021) e “lugar” de Alencar (2019). Esses conceitos são abertos, não-geográficos e respondem a processualidades. Nos termos de Haesbert (2021, p. 40), espaço é “um feixe de trajetórias sempre em processo [...] resultado e indutor da multiplicidade que compõe a dinâmica social”. Alencar (2019) defende que o conceito de lugar vai além da sua referência meramente geográfica e se constitui através de práticas sociais e interações que realizam conexões a lugares físicos que podem ser mapeados geograficamente.

O termo “lugar”, nota-se, é levemente mais materializável que o termo “espaço”, mas entendemos que ambos têm uma função importante na análise de trajetórias migratórias. Destarte, é importante salientar que estamos falando aqui de concepções abstratas e altamente perspectivistas, cujas manifestações efetivas enquanto fenômeno variarão a todo momento, segundo as relações simbólicas e a historicidade daquela perspectiva que é instada a defini-los em termos tangíveis.

Alencar (2019) pontua ainda que as interações capazes de gerar estas conexões estão cada vez mais relacionadas a práticas comunicacionais:

as novas tecnologias de mídia desempenham um papel fundamental na criação de formas subjetivas e relacionais de criação de lugar e, de fato, os estudiosos cada vez mais reconhecem a importância das rotinas cotidianas de mídia nas experiências de lugar vividas pelas pessoas, observando como a mídia se tornou parte de outras práticas sociais, em vez de atividades isoladas. (ALENCAR, 2019, P. 505, tradução nossa¹³)

Como um outro lado da mesma moeda, a autora identifica que, ao mesmo tempo em que as TICs podem abrir possibilidades de conexão e criação de ligações com este lugar simbólico, locais instáveis de comunicação e oferta restrita de informação podem potencialmente limitar o uso das mídias digitais como espaços de agências nas suas rotinas diárias (*idem*, p. 506). Neste sentido, opera-se uma dicotomia de ausência e presença, tal qual propôs Sayad (1981), mas não mais provenientes das rupturas de afluxo e influxo, mas sim da possibilidade de presença digital e suas exclusões

¹³ New media technologies play a key role in creating subjective and relational forms of place making, and, in fact, scholars increasingly acknowledge the importance of everyday media routines in people’s lived experiences of place, noting how media became part of other social practices, rather than isolated activities.

em diversos níveis. Neste sentido, podemos listar algumas das forças contextuais que agem sobre a exclusão e a inclusão: a ideologia neoliberal, as políticas públicas, as organizações de segundo e terceiro setor, as redes de solidariedade, as tecnicidades e historicidades dos indivíduos.

A autora reflete ainda, fazendo uma advertência importante a todos os pesquisadores, enquanto vigilância epistemológica, que é importante entender os diferentes contextos em que os migrantes tocam as suas vidas para capturar a relevância ou não dos meios de comunicação nelas. Defende também que a tentativa de situar os meios na vida cotidiana cria melhores oportunidades para entender os aspectos das práticas e suas relações com a criação deste lugar. São três as práticas que predominam na sua análise: “(1) acessar informações e ajudas básicas, (2) construir redes de apoio e (3) conectar a identidade com o lugar”. (ALENCAR, 2019, p., 509, tradução nossa¹⁴).

Nesta etapa da trajetória imigrante, têm bastante prevalência as redes sociais digitais e as produções próprias das diásporas, como explicitam em seu livro ElHajji e Escudero (2020). Estes suportes

não apenas permitem a manutenção e a consolidação dos laços identitários e afetivos para com a sociedade e a cultura de origem, mas também viabilizam e incentivam a construção de novos quadros comunitários (de ordem étnica, cultural, nacional, linguística e/ou profissional), tanto no plano local quanto no transnacional (ELHAJJI; ESCUDERO, 2020, p.11)

Essas relações são, por sua vez, objeto de estudo privilegiado do campo da comunicação e exigem dele novas maneiras de abordagem e reflexividade:

Como essas dinâmicas acontecem e quais fatores as afetam nos obrigam a repensar a análise do campo investigativo em termos de processos de comunicação, informação e socialização para abordar as formas de apropriação das TICs, práticas de produção de conteúdo e seus usos tecnologias e redes no processo de empoderamento e desenvolvimento comunitário. (PEÑA ASCACÍBAR, 2017, p. 52, tradução nossa¹⁵)

As TICs como mediadoras da experiência migratória

Considerando o que vimos até aqui, é imperativo reiterar que a abordagem investigativa sobre as tecnologias, tanto no contexto das migrações quanto em outros contextos, deve levar em consideração os aparatos tecnológicos como partes de um processo mais amplo, no qual usuários, grupos, culturas, apropriações materiais e simbólicas interagem em processo contínuo. Existe entre

¹⁴ (1) accessing information and basic aids, (2) building networks of support and (3) connecting identity with place.

¹⁵ Cómo tienen lugar estas dinámicas y qué factores inciden en ellas obliga a repensar el análisis de campo investigativo en materia de comunicación, información y procesos de socialización para abordar las formas de apropiación de las NTIC, las prácticas de producción de contenidos y los usos de estas tecnologías y redes en los procesos de empoderamiento y desarrollo comunitario)

o polo estratégico e o polo tático (DeCerteau, 2000) uma constante interação, uma guerra silenciosa na qual um polo busca homogeneizar, direcionar e normalizar usos e comportamentos e o outro luta para subverter, coabitar, usufruir da oferta tecnológica da maneira que lhe seja mais econômica e politicamente proveitosa.

Nesse sentido, é a evitar a interpretação do aparato tecnológico como definidor de relações, tábua de salvação ou símbolo inquestionável de um progresso positivista, mas sim como um elemento mediador que, sim, exerce uma força muitas vezes impositiva, sobretudo nas questões estruturais e de acesso, mas cuja atuação não é permitida na totalidade que pretende exercer. Entre tantas abordagens metodológicas possíveis, para o tema deste artigo, é muito profícua a análise a partir da teoria das mediações. Jesús Martín-Barbero propõe, segundo Rocha e Roche (2013, p. 73, tradução nossa¹⁶)

compreender a mediação como os lugares de negociação e interação que estruturam a vida social, os espaços de transação onde os indivíduos não aceitam supostas verdades únicas e imutáveis, mas as reconfiguram para construir cenários onde suas realidades e interesses se encaixem.

Apesar de representarem um projeto de “materialização da racionalidade de uma certa cultura e de um “modelo global de organização do poder” (BARBERO, 2015, p, 259), o potencial das redes e as transformações decorrentes de seu consumo podem ser estudados a partir das formas pelas quais este aparato é utilizado, reconfigurado,

senão como estratégia, pelo menos como tática no sentido que a palavra tem para DeCerteau: o modo de luta daquele que não pode se retirar para “seu” lugar e assim se vê obrigado a lutar no terreno do adversário. [...] quando a reconfiguração do aparato é impossível, que seja reconfigurada ao menos a função (*Ibid*)

O processo de mediação acontece em um lugar simbólico. (ROCHA & ROCHE, 2013, p. 73), que é o ponto de encontro de diversos fenômenos contextuais (quer sejam inerentes ao receptor, quer a seu entorno social). A arena é dada pela esfera da hegemonia produtiva, mas a atividade exercida nela é

reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe a posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais. (BARBERO, 2015, p.292)

Guiando esta produção de sentidos estão competências da tecnicidade, efeitos da temporalidade, da cotidianidade, matizes culturais, espacialidades e ritualidades. A perspectiva barberiana considera ainda que

¹⁶ él propone entender la mediación como los lugares de negociación e interacción que estructuran la vida social, los espacios de transacción donde los individuos no aceptan supuestas verdades únicas e inmodificables, sino que las reconfiguran para construir escenarios donde sus realidades y sus intereses encajen

a compreensão do que está acontecendo atualmente na sociedade requer uma articulação com o que muda em relação aos significados atribuídos ao tempo e ao espaço. Essas categorias são reorganizadas e reconfiguradas a partir de dois fenômenos importantes que JMB inscreve na atualidade: migração e conectividade; os fluxos de pessoas e imagens / informações e as ligações entre culturas e dentro da própria cultura (ROCHA & ROCHE, 2013, p. 77)

Apesar de ser recente a conceituação das redes dentro dos mapas cartográficos barberianos (BRIGNOL et al., 2019, p. 187), entendemos, pelo ante exposto, que sua perspectiva é bastante oportuna para abordar o fenômeno, uma vez que “os modos de ser, estar e reconhecer-se no mundo contemporâneo são, nessa perspectiva, percorridos pela dinâmica do espaço comunicacional das redes, mediadas tecnologicamente.” (BRIGNOL et al., 2019, p.204, tradução nossa¹⁷).

Considerações finais

Segundo dados da ITU¹⁸ (2020), em 2020, 96,7% da população mundial vivia sob cobertura de redes 3G ou melhores. As assinaturas de linhas móveis representaram 105% da população mundial. Ainda que haja muita desigualdade na distribuição e acesso efetivo das redes e que uma análise numérica não dê conta das dificuldades e barreiras culturais, econômicas e subjetivas que incidem sobre a efetividade do acesso e uso das redes, é dado inescapável que a tendência de aumento deste tipo de consumo não se enfraqueceu: entre 2009 e 2019, dobrou o número de indivíduos que acessam a internet e hoje a maioria da população mundial já se encontra conectada.

Nesse cenário implantam-se paulatinamente governos digitais, gestiona-se cada vez mais a vida a partir de relações mediadas pelas TICs, que intermediam em grande medida o acesso à informação. A vivência da cidadania e o exercício dos direitos constitucionais está, portanto, cada vez mais ligado às lógicas de consumo dos meios de comunicação (CANCLINI, 1997; BACCEGA, 2012) e, na trajetória migratória, não se escapa desta lógica.

No entanto, a extensão, forma, o significado e as dimensões dos usos do aparato tecnológico são símbolos de uma disputa constante em que a criatividade, a tecnicidade, a culturalidade e outros elementos da esfera da recepção e do consumo atuam sobre um plano tecnológico cujas convocações e predeterminações são colocadas em xeque ininterruptamente. Assim, surgem as *webdiásporas*, os grupos de solidariedade, as trocas informais de informação, o compartilhamento de táticas para melhorar a eficácia de uma emigração, na luta contra a burocracia, a xenofobia, a hegemonia neoliberal excludente e na consolidação de uma cidadania plena no país de destino.

¹⁷ Los modos de ser, estar y reconocerse en el mundo contemporáneo son, en esta perspectiva, atravesados por las dinámicas del espacio comunicacional de las redes, mediadas tecnológicamente.

¹⁸ A International Telecommunication Union (ITU) é a agência especializada das Nações Unidas em tecnologias de informação e comunicação - TICs

Para ajudar a guiar um olhar investigativo nas trajetórias migrantes, elaboramos o seguinte quadro para facilitar o entendimento das principais motivações de uso das TICs em quatro grandes momentos do projeto migratório:

Quadro 1 - Finalidades comuns de TICs a partir da perspectiva da temporalidade na trajetória migrante.

Fase do projeto migratório	Situações práticas de mediação das TICs
Pré-deslocamento	Condições de uso de internet no país de origem; tipos de redes acessadas na busca de informações; contatos com familiares ou imigrantes já no país destino;
Deslocamento	Comunicações estabelecidas durante e imediatamente após a travessia, redes sociais utilizadas, suportes e plataformas preferidos até a interiorização (caso exista) ou fixação de domicílio; resolução de burocracias, busca de emprego e moradia, criação dos primeiros vínculos no país de destino
Formação do Lugar	Período imediatamente após a consolidação de residência; formação de laços mais amplos que relações do primeiro momento; incursão em grupos maiores; acesso a serviços/lazer; comunicações com familiares e amigos; aprendizado sobre o país de destino/idioma, redes sociais de trabalho.
Pós-formação do Lugar	Consumo cotidiano, menos influenciado pela urgência do deslocamento, consequência das apropriações que foram realizadas nas outras etapas, fortalecimento de algumas redes e enfraquecimento de outras, fornecimento de informações a concidadãos que pretendem emigrar.

Fonte: Elaboração própria¹⁹

Enquanto esse quadro possa servir de guia ao pesquisador que o utilizar, cabe ressaltar que tudo que o antecedeu reitera a necessidade de abordar o tema levando em consideração que em nenhum momento se fala de experiências homogêneas ou universais. Por isso mesmo a marca genérica das caracterizações feitas no quadro. Cada experiência migratória terá não só diferentes formas de manifestação de cada uma das etapas, mas pode até mesmo não ter algumas delas. Muitas trajetórias podem ser realizadas sem mediação nenhuma das TICs ou somente com o mínimo. Outras redes podem atuar de forma mais ou menos determinante. Sendo assim, o quadro se apresenta como

¹⁹ Este quadro é uma das produções realizadas no âmbito da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo (ESPM-SP) com bolsa CAPES

guia geral de interpretação da questão, para quando houver manifesta mediação das TICs, não se pretendendo como um espelho da realidade ou previsão de qualquer resultado ou manifestação empírica.

Esperamos, com estas reflexões, contribuir para a incursão de pesquisadores preocupados com a questão migratória e com os usos e apropriações das TICs. Este é um rico e vasto campo de estudos que congrega em si uma transdisciplinaridade marcante, unindo desenvolvimento tecnológico, direito, cidadania e acesso a direitos, comunicação, interculturalidade, geografia, sociologia, antropologia e outras disciplinas, sempre interpelado por uma realidade diversa, rica e surpreendente, que requer de nós, pesquisadores, constante vigilância epistemológica e reflexividade para entender e interpretar uma realidade multifacetada sem reduzi-la a capacitismos, preconceitos e generalizações.

Referências

ALENCAR, A.P. “Digital Place-making Practices and Daily Struggles of Venezuelan Forced Migrants in Brazil”. In **The Sage Handbook of Migration and Media**, 2019.

BACCEGA, M. A. O consumo no campo comunicação/educação: importância para a cidadania. In: ROCHA, R. DE M.; CASAQUI, V. (Eds.). **Estéticas midiáticas e narrativas do consumo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. **Migrações Venezuelanas**. Campinas, SP: UNICAMP, 2018.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

_____. Diáspora latino-americana e redes sociais da internet: a vivência de experiências transnacionais. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Balaterra: Institut de la Comunicació Universitat Autònoma de Barcelona, 2013. Disponível em: http://oestrangeriodotorg.files.wordpress.com/2013/03/diaporas_migraciones_tic_identidades1.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRIGNOL, L. D.; COGO, D.; MARTÍNEZ, S. L. REDES dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. In: JACKS, N.; SCHMITZ, D.; WOTTRICH, L. (Eds.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural** Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019.

CANCLINI, N. G. El consumo cultural: una propuesta teórica. In: SUNKEL, G. (Ed.). **El consumo cultural en América Latina**: construcción teórica y líneas de investigación. Pensamiento latinoamericano. 1. ed ed. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1999.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COGO, D. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo

(Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bala-terra: Instut de la Comunicació Universitat Autònoma de Barcelona, 2013. Disponível em: http://oestrangero.org.files.wordpress.com/2013/03/diaporas_migraciones_tic_identidades1.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

COGO, D.; DUTRA BRIGNOL, L.; FRAGOSO, S. Práticas cotidianas de acesso às TICs – outro modo de compreender la inclusão digital. **Palabra Clave - Revista de Comunicación**, v. 18, n. 1, p. 156–183, 1 fev. 2014.

_____. Tecnologias de Comunicação e informação. In: CAVALCANTI, L. et al. (Eds.) **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília, DF: Editora UNB, 2017. p. 677–682.

De CERTEAU, M. Making do: Uses and Tactics. In: LEE, M. J. (ED). **The consumer society reader**. Oxford, UK; Malden, Mass., USA: Blackwell, 2000.

DIMINESCU, D. Researching the connected migrant in **The Sage handbook of media and migration**. 1st edition ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Inc, 2019, pp. 74-78.

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. **Webdiaspora.br**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

HAESBERT, R. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

ITU. **Key ICT indicators for developed and developing countries, the world and special regions (totals and penetration rates)**. 2020. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ITU_regional_global_Key_ICT_indicator_aggregates_Nov_2020.xlsx>. Acesso em: 20 maio. 2021.

LEUNG, L Digital Divides in **The Sage handbook of media and migration**. 1st edition ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Inc, 2019, pp. 79-84.

LEURS, K.; SMETS, K. Five Questions for Digital Migration Studies: Learning From Digital Connectivity and Forced Migration In(to) Europe. **Social Media + Society**, v. 4, n. 1, 1 jan. 2018.

PEÑA ASCACÍBAR, G. La caracterización tecnopolítica de los movimientos sociales en red. **Revista Internacional de Pensamiento Político**, v. I Época, 12, p. 51–75, 1 jan. 2017.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **Redes Sociais Digitais e a Pesquisa Científica: métodos qualitativos e quantitativos**. 2020 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TZBDC0bqneU>>. Acesso em: 20 maio 2021

ROCHA, S. M. DA; ROCHE, F. L. DE LA. Temporalidades para pensar la contemporaneidad de lo no-contemporáneo. In: JACKS, N.; SCHMITZ, D.; WOTTRICH, L. (Eds.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural** Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019.

SAYAD, A. (1981). Le phénomène migratoire, une relation de domination. **Annuaire de l’Afrique du Nord**, XX: 365–406.

SRNICEK, N.; DE SUTTER, L. **Platform capitalism**. Cambridge, UK ; Malden, MA: Polity, 2017.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**. 2008 (1), 199-218.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad; una historia critica de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo xxi editores, 2016.

WALL, M. Information precarity *in* **The Sage handbook of media and migration**. 1st edition ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Inc, 2019, pp. 85-90.